



MADAME DE STAEL

## SUMMARIO

*Madame de Staël.*—*Noções de Economia Domestica*, D. Maria José da Silva Camuto. — *Cultura das emoções intellectuaes*, Bernard Perez. — *Fragments d'un livro util, (A infancia)*, Sanchez de Frias. — *Numero do intermezzo*, (poesia), Gonçalves Crespo. — *Historia natural, a mosca azul da carne (varejeira)*.—*Rambouillet.*—*Duas folhas de rosa.*—*As mulheres que votam (fragmentos).*—*Saudade infinda*, (poesia), Diogo Souto. — *Chronica dos theatros*, Py-Thon. — *Album Enigmatico.*  
GRAVURAS:—*Madame de Staël.*—*Rambouillet.*

## MADAME DE STAEL

Anna Luiza Germana Necker, baroneza de Staël-Holstein é um d'esses vultos notaveis que pelo talento se impõem ao respeito e á admiração da humanidade. O seu logar na litteratura é dos mais superiores, e a

sua obra representa um trabalho valioso e proficuo, porque a ella se deve em parte a nova direcção tomada pela litteratura no presente seculo. Madame de Staël e Chateaubriand foram, de facto, os grandes iniciadores do movimento litterario da época presente, e devem-se-lhes incontestavelmente, grandes serviços n'este sentido. Acerca d'esses dois grandes vultos escreveu Demogoot: «As idéas mais fecundas que a litteratura desenvolveu depois da restauração parece estarem contidas em germen nas obras d'elles. Foram elles que apresentaram o programma do seculo XIX, foram elles que libertaram a poesia das leis arbitrarías das formulas, que principiaram a revoltar-se contra os restos da auctoridade dos tempos passados.»

Nos livros da baroneza de Staël a fôrma brilhante, o estylo cuidado e elegantissimo, os dotes notaveis de escriptor que ella possuia, não são as unicas condições, embora apreciaveis mas futeis, que recommendam hoje a sua leitura.

A phrase não é banal, representa sempre uma idéa, o estylo serve principalmente para reproduzir com elegancia um pensamento, e no periodo trabalhado com arte e talento notaveis, reconhece-se a erudição do artista e a illustração do escriptor; não é só, e já seria muito, o burilador da palavra é tambem, e principalmente, o pensador—uma individualidade completa, forte, energica, orientada.

Madame de Stael nasceu em Paris em 1766, e era filha de Nicker, o celebre ministro e financeiro, cuja subida ao poder foi a aurora da revolução, e de Suzanna Curchod, em cujas salas se reuniam os homens mais notaveis d'aquelle tempo, Raynol, Buffon, Marmoutel, etc.

Em 1786 casou com o diplomata sueco Eurico Magno, barão de Stael-Holstein, de quem esteve separada muitos annos, accusando-o de perdulario e gastador, enquanto elle se queixava do genio soberano, dominador da esposa.

Entretanto o tempo, gastando com a sua acção continuada os motivos da mutua discordia, aplanava uma reconciliação que estava prestes a realisar-se, quando o barão de Stael falleceu no anno de 1802, a meio da viagem queprehendera para se reunir á mulher.

Decorridos oito annos, passava madame de Stael a segundas nupcias, casando em 1810 com um moço italiano chamado Rocca, official do exercito francez.

Arrastada pela corrente politica que então animava toda a França, e a que o seu grande talento e a sua posição de escriptora lhe não permittiam subtrahir-se, madame de Stael pretendeu representar um papel importante na grande scena rasgada pela revolução, mas sem idéas definidas, com a sua consciencia imperfeitamente robustecida para estas luctas, sem ideal politico não alcançou fazer vingar os seus desejos, e viu-se até reduzida á posição extraordinaria de ser repellida pelos republicanos e pelos realistas. Parece que todas as suas aspirações politicas consistiam em applicar á França o systema inglez das duas camaras; mas o que é verdade é que ainda hoje não pôde conhecer-se o character e as tendencias politicas da grande escriptora.

Aos quinze annos escreveu madame de Stael um commentario ao *Espirito das leis* de Montesquien e já, desde os onze annos, a sua precoce intelligencia, o seu futuro talento se annunciavam auspiciosamente por elogios e retratos escriptos ao gosto academico de Thomaz. Depois antes do seu primeiro casamento, escreveu algumas novellas taes como *Mirza*, *Adelaide* e *Theodora* e um drama em verso *Sophia ou os Sentimentos secretos*. Então appareceu a sua primeira obra de certa importancia: *Cartas ácerca do character e escriptos de J. J. Rousseau*, obra que sem ser um estudo critico, mas um preito de admiracão pelo mestre e pelo escriptor da sua escolha, encerra já grandes valores de observação e de finissimo criterio.

Passando para a companhia do seu pae, que desde 1790 residia no seu castello de Coppet, no paiz de Vand, escrevera uma *Memoria em defeza de Maria Antonieta*, que ficou inedita. Depois escreveu as *Reflexões sobre a paz dirigidas a Pitt e aos francezes*, trabalho que em pleno parlamento mereceu os elogios de

Fox e d'ahi a pouco imprimiu tambem o *Ensaio sobre as facções e Da influencia das paixões na felicidade dos individuos e das nações*.

A época que decorre até á publicação d'este livro pôde considerar-se completamente separada, pela natureza dos trabalhos, na historia litteraria de madame de Stael. D'ahi em diante os seus livros já não representam só os sentimentos do escriptor, mais que tudo revelam o fim principal de conquistar gloria, de brilhar.

E' n'esta segunda época que apparecem as suas obras mais notaveis: *Da litteratura considerada nas suas relações com as instituições sociaes*, *Delfina* um romance em cartas e no qual se reconhecem facilmente os retratos de vultos importantissimos d'aquelle tempo, *Carinna* esse livro que encerra a glorificação da mulher dos nossos dias, *Da Allemanha*, *Dez annos de exilio*, *Considerações sobre a revolução franceza*, etc.

## NOÇÕES DE ECONOMIA DOMESTICA

XXII

### Carvão de pedra

E' um producto mineral, que se arranca a pedaços mais ou menos volumosos e que se reduz a duas especies de carvão *espesso* e *secco*. A formação d'este mineral é attribuida ás revoluções do globo em épocas remotissimas; é o producto de arvores e outros vegetaes engolidos pela terra e calcinados nas suas entranhas; tem-se reconhecido arvores inteiras, deitadas e petrificadas; suppõe-se mesmo que são restos de florestas ante-diluvianas. Sendo para notar que, segundo as indicações de um eruditissimo geologo, o sr. Sousa Telles, o nosso globo em diferentes épocas, e em diversos logares, tem soffrido tres diluvis. Encontram-se muitos despojos de animaes, com esses vegetaes fosseis.

O carvão de pedra pôde empregar-se nas estufas, nos fogareiros, e mesmo nos barreiros; mas o seu logar proprio é nos fogões adaptados ao excessivo calor e á suppressão do cheiro acre que exhala no estado candente.

### Carvão de sôbro e de cêpa

E' o mais usual nas casas de medianos haveres. Convém o consumo de ambos os vegetaes juntos; porque o de sôbro é mais caro, e o de cêpa, menos dispendioso sim, porém saltitante, propenso a apagar-se e a desfazer-se em faullias, custa a sustentar-se sem o auxilio do carvão de sôbro: combinados ambos, dão excellente lume, e n'essa combinação vae lucro para a economia.

### Bolas

Todas as donas de casa conhecem uma composição que se faz dos resíduos do carvão amassados com agua de barro, a que chamam — *bolas*.—Não sei determinar a origem nem a época d'este invento; as bolas, pelo seu diminuto preço, são optimo auxiliar para a cozinha pobre, e tambem para a remedeada: avivam o conservam o calor do lume e podem manter, durante muitas horas, em mediana quentura qualquer alimento; o que as torna mui uteis a quem carece de prolongar

a acção calorifica, ou para acudir a enfermos, ou para esperar por ausentes, ou para outros serviços próprios e alheios.

Não deve a dona de casa consentir que se queimem bolas quando o lume tiver de estar acceso por pouco tempo; nem mesmo que se ponham no fogareiro, próximo a acabar o serviço do dia; a bola meia ardida perde-se, e lá vão mais esses reaes para a estragação a que são useiras e veseiras as creadas que não tiveram ensino adequado.

Todos sabemos que a mesma porção de carvão, consecutivamente acceso e apagado, pôde ferver tres ou quatro vezes agua para chá ou para café: não é preciso acompanhá-lo d'essa pesada massa, aliás utilissima para as prolongadas cozeduras. E' caridade educar as servas; e dizer-lhes: *Achaste mel; come o que te basta, para que não succeda que, depois de farta, o vomites.* Prov. cap. XXV, v. 16.

MARIA JOSÉ DA SILVA CANUTO.

## CULTURA DAS EMOÇÕES INTELLECTUAES DA VERDADE

### IX

Ordinariamente porém, chega a este estado ou seja por palavras ou por gestos, mais para o seu proprio prazer do que para prazer dos outros. Como egoista a creança gosa com a surpresa ou com o medo que julga metter á ama quando de repente descobre a cabeça que occultava com um guardanapo, ou quando sae de um canto onde pensava que ninguem a via. «Como eu te metti medo!» dizia uma pequenita de vinte mezes a seu tio que fingia um grande susto ouvindo-a ladrar como um cão, detraz de uma porta. Por este exemplo vê-se tambem que a satisfação do amor proprio não é estranha a estas manifestações da tendencia que as creanças tem, de enganar por brincadeira, como ellas dizem. Penso que algumas vezes, mas simplesmente por imitação, o amor proprio conduz seriamente á mentira, aparentemente insignificante. A creança que dá uma queda e que se levanta rapidamente dizendo: «Cahi por brincadeira» prega uma verdadeira mentira, simulando uma graça. Não se deve animar as creanças n'este costume.

Praticará a mesma graça, ou tentará praticá-la, para evitar uma reprehensão e para fazer pensar aos outros que a não merece. «Má, má, dizia uma creança de dois annos e meio á mãe quando esta a mettia no bahu contra sua vontade.—«Então dizes-me isso a mim! —«Não, não é a tí, é á agua que eu o digo.» N'este caso, embora auxiliada pela pergunta da mãe, a mentira é espontanea e não consequencia da imitação. Será bom fingir-se que se lhe não ligou attenção.

De resto, todas as paixões egoistas levam á mentira. A creança que acaba de comer uma gulodice, diz que lh'a não deram ou que só lhe deram muito pouco, para que lhe deem ainda mais. Se se queima com uma colher de sopa desata n'um berreiro infernal, e se tentam consolá-la dizendo-lhe «Coitadinha! Queimou-se!» responde uns sons inintelligiveis a cada uma d'essas phrases, e acompanha-os com um movimento de cabeça e de braço como quem quer repellir alguma coisa; depois diz distinctamente: «Não me doe nada,

não me queimei!» Ainda n'este caso se deve apparentar que nada se percebeu.

A imaginação sobreexcitada pelo soffrimento e pela colera suggere á creança a expressão e a idéa de uma realidade que desejaria ver transformada na sua contraria. Uma pequerrucha de tres annos, vendo que a mãe ameigava seu irmão, não fazendo caso d'ella, poz-se a contar: «Não sabes, mamã, Henrique fez uma grande maldade ao papagaio.» Era uma mentira produzida pela inveja e mentira que se não deve tolerar.

BERNARD PEREZ.

## FRAGMENTOS D'UM LIVRO UTIL (1)

### A INFANCIA

A creança anda de mão em mão, enfeitada, como uma boneca, segundo a phantasia luxuosa e o sentimento piegas da verdadeira mãe; traz a cabeça coberta com um pesado capacete de sêda, lã ou veludo; os bracinhos sopeados por um capote, justo ás fórmãs, os pés mimosos envoltos em babados, o corpo cingido, apertado, suado pelos braços da aia.

O estomago e o ventre do innocentinho começaram, desde o segundo dia do seu apparecimento no mundo, a serem um vasto repositório de órgãos estragados e vermes aos centos. Fazem-se-lhe papinhas, dão-se-lhe uns docinhos moles e de facil mastigação, applicam-se-lhe farinaceos sem conta nem medida, antes de tempo e a todas as horas; introduzem-se-lhe nos habitos vicios, perrices, exigencias, que não tem razão de ser.

A casa anda toda n'um reboliço. Esta canta ao menino; aquella passeia-o de noite e de dia, embala-o, dá-lhe um beliscão, deita-se com elle, ensina-o a chupar os dedos, o beijo ou um trapo molhado em coizas doces; de modo que a creança, que não sabia que, n'este mundo havia o que quer que fosse, que se chama — embalar, cantar, passear, chupar isto ou aquillo — e que não conhecia outros tantos vicios, que fazem a inquietação dos paes e dos filhos, dos amos e dos creados — acaba afinal por não saber e que é melhor, e chega a ser um verdadeiro tormento.

O embalar produz-lhe o entorpecimento dos sentidos, uma especie de embriaguez, que lhe prejudica as faculdades mentaes; os farinaceos mal applicados deramam-lhe os intestinos; o cólo subjuga-lhe os membros, tolhendo-lhes o desenvolvimento; o dormir em companhia de outrem incula-lhe nos póros germens de molestias futuras; o passear a horas improprias e o chupar os dedos, ou o que quer que seja, originam perrisses, mau humor e mil prejuizos inuteis e faceis de evitar.

Constrangida a creança nos seus movimentos naturais, retirada do ar livre, prejudicada na alimentação, rachitica, enferma, começa desde logo a ter caprichos, que produzem rabugices fastidiosas e choros continuados.

Ninguem attribue este mau resultado á pernicioso direcção, que a tem acompanhado.

—O avô era assim em pequeno — diz a mãe, e concordam as visitas. Se o avô não era assim, nem o tio,

(1) *A Mulher.*

á falta d'este, o pae, e assim por diante até se encontrar o *fac-simile* das acções do menino.

No primeiro dia em que o adolescente ensaia os primeiros passos, deve começar a sua educação, cuidado pratico, brando, accommodado á tenra imaginação do pobresinho, que bebeu com o primeiro leite; e esta educação tendente a distinguir-lhe o mau habito da travessura, propria da sua idade, a dirigir-lhe a idéa, em embrião, a semear-lhe no entendimento as sementes das boas intenções, a guiar-lhe as tendências para o bem—só pôde ser applicada pela mão paciente e carinhosa de uma mãe, que não se deixa cegar pelas superficialidades de um sentimento exaggerado, ou de um pae que sabe sel-o.

O que acontece porém na maioria dos casos?

A creança, afastada do quarto e da convivencia dos paes, vive constantemente á mercê dos instinctos, habitos e moralidade dos criados, muito principalmente quando a familia dispõe de abundantes meios de riqueza.

Uma fidalga de fresca data, que conhecemos ha annos, senhora de grandes virtudes, segundo annunciavam os seus jantares e as suas reuniões, passava o dia no primeiro andar do seu elegante palaceto, entre sedas e arminhos—e os seus filhos, tres creanças, dignas de melhor sorte, entregues aos cuidados dos famulos, sob a direcção da sua creada grave, moravam no segundo andar, e só desciam á presença de tão digna mãe de manhã e ao anoitecer, para receberem a *unção* mimosa das benções da preciosa senhora, que entretinha as suas horas uteis a receber os galanteios das suas visitas, a desvanecer-se ao tocador, e a ler romances, que pelo titulo davam a conhecer a medida do seu gosto e da sua intelligencia.

Mais tarde, quando estas creanças, tornadas homens, se virem no meio da sociedade, com a dignidade perdida, apesar de embrulhada n'um titulo qualquer; quando se acharem incapazes dos sentimentos da caridade, da compaixão e da honra, dissipando o dinheiro herdado, a mãos cheias, e acabando finalmente entre os muros de uma prisão, ou sobre a enxerga do hospital—dirá então o mundo:

—Vejam o que faz o dinheiro! E' assim mesmo. Os filhos das pessoas ricas, parece praga do demonio, são todos assim!

Ninguem se lembrará de que os paes d'essas creanças—o homem, occupado nas galanterias e deveres de uma alta posição, entregue aos prazeres de uma vida morganatica—a mulher embebida no sentimento truanesco dos romances de agua furtada, nas delicias de uma vida molle, viciosa e util—ambos se esqueceram dos mais sagrados deveres, e não chegaram a ser para os filhos, á parte os confortos do luxo e a pratica de todas as extravagancias, mais do que as misericordias são para os tristes engeitados; mais do que estas... não, menos, muito menos, devemos dizer.

A misericordia ainda procura para os seus protegidos os commodos de uma posição honesta, e aquelles nem ao menos ensinaram aos filhos uma obrigação qualquer, o amor ao trabalho, unico meio de conquistar posições honestas.

Descendo das alturas, onde se acha o quadro que fica esboçado, e ao ponto d'onde partimos—quanto ao physico das nossas creanças, devemos afirmar que só

nos paineis dos pintores antigos, ou no regaço da gente do campo, se pôde deparar com um menino sadio, cheio de vida e robustez.

SANCHES DE FRIAS.

## NUMERO DO INTERMEZZO

Rompia a manhã, rompia  
Alegre como um trinado,  
E eu ia triste e calado,  
No meio d'essa alegria,  
Por entre as flores do prado...  
Rompia a manhã, rompia...

Vendo-me, as flores do prado  
Mais as rosas do silvedo  
Cochicharam em segredo...  
E erguendo os olhos, a medo,  
N'um tom de voz repassado  
Da mais branda languidez:  
«Como elle vae irritado,  
«Os olhos fitos no chão!  
«Perdôa por esta vez,  
«Não ralhes com ella, não?»

GONÇALVES CRESPO.

## HISTORIA NATURAL

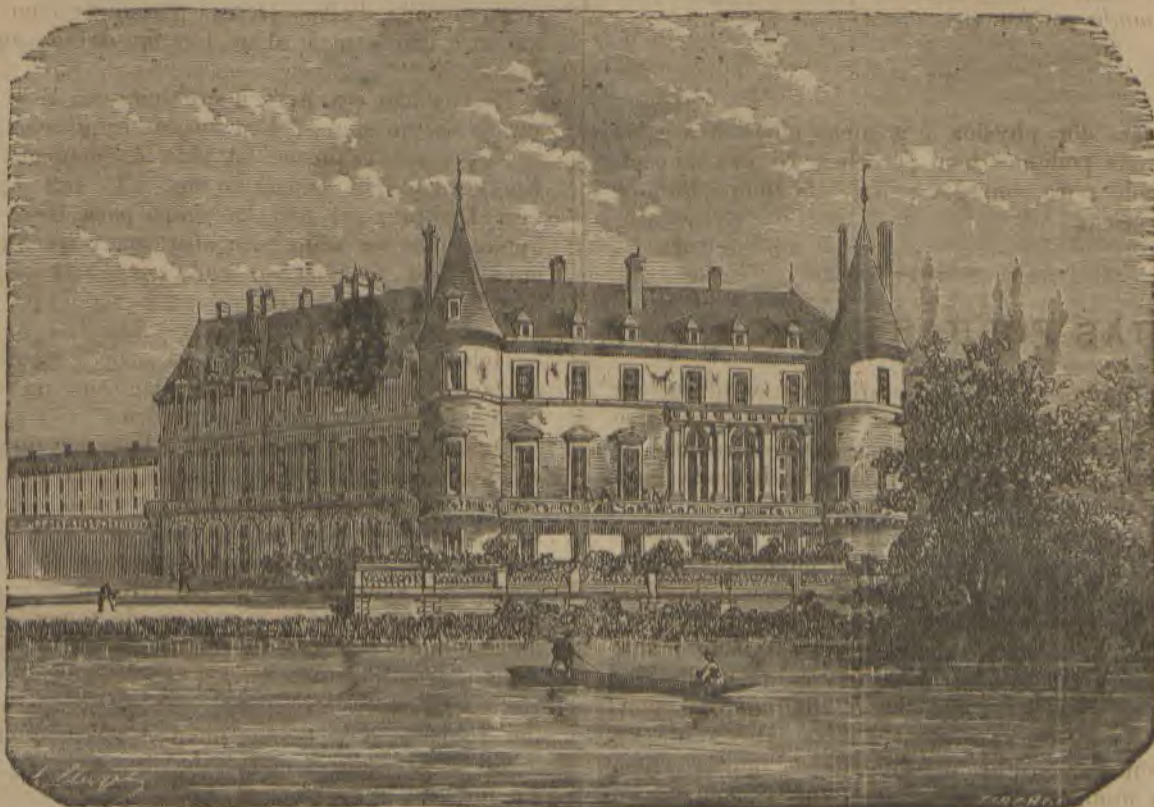
### A MOSCA AZUL DA CARNE (*varejeira*)

(Continuação)

As nymphas, cuja parte exterior se desenvolve e robustece pouco a pouco dentro dos ovos, tornam-se com o tempo moscas perfeitas, envolvidas n'uma membrana tão delicada e tão transparente, que deixa ver todas as particularidades que ella reveste; entretanto as azas parecem ainda informes porque estão dobradas. As nymphas aparentam não ter vida e realmente só a adquirem quando todos os seus orgãos chegam a um estado conveniente de consistencia e robustez.

Quando é chegado o momento da partida, a mosca rompe invariavelmente pela parte superior do ovo na qual o verme tinha a cabeça. Esta não dispõe de peça alguma apropriada para praticar uma fenda larga; o agulhão não tem ainda a necessaria consistencia, mas ainda que a tivesse não poderia fazer mais do que pequenos furos n'aquella casca assaz resistente. Mas á falta de serra, de lima ou de broca propria para operar a prefuração, a mosca pôde obter um completo resultado investindo contra aquella parte do ovo e, coisa notavel, com quanto esta parte pareça tão solida e tão resistente como o resto, offerece comtudo a maior facilidade em fender-se e abrir-se por este lado. O involucreo tem a fôrma de uma calotte composta de duas peças applicadas uma contra a outra, e que pôdem separar-se com facilidade e dividirem-se em duas meias calottes; separada que seja uma d'ellas fica uma abertura sufficientemente grande para sahir a mosca.

E o modo porque a mosca se livra da prisão não deixa de ser original. Quando está prestes a terminar a sua ultima metamorphose chama o ar em seu auxilio; expelle da cabeça uma bexiga que recolhe logo



RAMBOUILLET

em seguida, para novamente a fazer sahir outra vez e já maior, ou com uma fôrma espherica ou um tanto alongada. Essa bexiga e a cabeça dilatando-se e contrahindo-se alternadamente vão d'encontro ás duas meias calottes no sentido longitudinal do ovo que não pôde resistir por muito tempo a este ariete extraordinario: o insecto dá o primeiro passo para a sua liberdade, mas ainda não pôde disfructal-a e só a poderá conquistar á custa de novos esforços.

Quando tem cedido toda a calotte ou apenas metade, a mosca passa pela fenda aberta a sua cabeça, e exhibe em seguida uma parte do corseleto. Favorecem-n'a então mais os anneis do seu corpo, do que as pernas que ainda tem apertadas. O corseleto sae rapidamente e as pernas desembaraçam-se do involucro; primeiro saem as duas pernas anteriores e logo em seguida as quatro restantes. Quando tem as duas pernas da frente livres está vencida a grande difficuldade, com ellas imprime um movimento de avanço, e com ellas tambem acaba de desembaraçar as outras quatro pernas e o corpo: assim abandona a tenuissima membrana que a envolvia.

(Continua).

## RAMBOUILLET

Esta cidade franceza está situada n'um formosissimo valle ao sul da floresta de Rambouillet, no departamento do Sena e Oise e é animada por um commercio importante de cereaes, madeira, gado e lãs. As ruas largas e asseadas, possuem bons edificios de uma

perfeita construcção e entre elles destacam-se a casa da camara, construída em 1787 e o hospicio, edificado pelo conde de Tolosa em 1731. A sua população é de 5:000 habitantes aproximadamente.

Antigamente denominava-se esta cidade Rambolium ou Rambolium, e no seculo XVI constituia o senhorio da familia de Augennes. Erigida mais tarde em Marquezado passou para as casas de Saint-Maine, Montausier e d'Uzés sendo vendida em 1778 ao conde de Tolosa, filho legitimado de Luiz XIV, o qual a elevou a ducado-pariato, sendo depois vendida a Luiz XVI.

O seu unico monumento importante é o castello que foi por diversas vezes habitação dos reis e dos principes francezes, e que outr'ora estava mobilado opulentamente encerrando verdadeiras maravilhas artisticas, mobílias de alto preço e raridades inestimaveis. Hoje apenas ha as recordações tradicionaes d'essas riquezas maravilhosas, e ás paredes nuas do castello debalde evocam os seus poucos visitantes as lendarias tradições de um passado rico e faustoso. Mas o castello, rodeado de agua e de arvoredo frondoso e luxuriante, apresenta ainda incontestaveis attractivos, que são augmentados pela poesia do esquecimento, e pela solidão em que jaz abandonado esse local, outr'ora tão ruidoso, tão cheio de vida e tão alegre.

A igreja de Rambouillet offerece a apparencia irregular de uma construcção feita em diferentes épocas e subordinada a riscos diversos, e a sua architectura não apresenta coisa alguma de notavel. N'outros tempos esta igreja servia de carneiro ou jazigo á familia d'Augennes.

N'esta cidade nasceu a celebre madame de La Sablière a protectora de Lafontaine, e ali nasceu tambem Julia

de Augennes, essa formosa creança, filha da marquesa de Rambouillet, e em honra da qual se compoz a famosa *Grinalda poetica*.

A mesma dôr physica é a meus olhos uma coisa vaga que não podemos bem perceber. Nitidez no espirito, vontade pura, energia moral, eis tudo quanto o homem precisa.

BAHEL.

## DUAS FOLHAS DE ROSA

Subiam ambos a encosta vestida de verdura, de margaridas e de botões de ouro. O parque deserto, e em frente o bosque com as suas galas de maio e as suas aves discretas que esperavam a madrugada para se amarem.

As flores embaraçavam o andar de Helena. Encostou-se ao braço de Henrique. Elle então demorou o passo, olhou-a demoradamente e julgou surprehender-lhe nos olhos alguma coisa de extraordinario.

Aos lados do caminho debruçavam-se umas rosas. Elle colheu duas, prendeu uma nos cabellos de Helena, mettu a outra na botoeira e continuaram caminhando por aquellas sombras espessas. Havia ali um banco; sentaram-se insensivelmente e depois como aconteceu aquillo? Mas Henrique approximou os labios da fronte de Helena, e ella sentiu, então, que um corpo fino, fresco e perfumado lhe escorregava pelo pescoço. Era uma petala da rosa de Henrique e ao mesmo tempo desprendia-se uma das folhas da rosa que ella tinha nos cabellos e vinha cahir nas mãos d'elle.

Ambos haviam estremecido com aquelle primeiro beijo. Tinham a alma oppressa; —sentiam-se aterrados, os olhos fixados no chão, sonhando. Helena era casada.

Ella levantou-se e murmurou:— Voltemos para o castello, e silenciosa durante todo o caminho, suffocada, desceu a encosta. A folha de rosa tinha escorregado até ao coração.

—Até quando?... disse elle.

—Adeus, respondeu Helena!... adeus!

Transpoz sósinha o velho portão, desapareceu nas sombras do vestibulo e subiu a grande escada de pedra. Encontrou o olhar cortante do marido e fugio toda tremula com a folha de rosa no seio. Fechou-se no quarto e ajoelhou diante do Christo. Mas a folha de rosa não a deixava resar.

Então abrindo o seu livro de orações encadernado de vermelho, mettu a folha de rosa entre as folhas do livro e confiou o seu amor á protecção de Deus.

No dia immediato Henrique foi á comprida allea que conduz ao castello e caminhava com os olhos sempre fixos no mesmo ponto. Um sorriso de alegria suave espalhava-se-lhe pelos labios á medida que se adiantava no caminho e entretanto retardava o passo pouco a pouco.

Appareceram as torres do castello e os pombos que ali faziam o ninho passaram em alegres bandos por cima da sua cabeça como se o covidassem a segui-los. Desprendeu-se-lhe uma lagrima dos olhos e retomou o caminho andado. Não lhe dissera ella: *Adeus!* Cumpriria-lhe respeitar a vontade da mulher amada e não acarretar um remorso para a sua vida.

Nos dias seguintes ainda foi á allea dos castanheiros contemplando as torres e vendo os pombos a esvoaçarem em volta d'ellas. Depois parava no começo do caminho e não ia mais além. Por fim deixou aquelles logares.

Helena não era livre e era honesta. E' possivel viver-se de um sonho? Era forçoso esquecer.

Esquecer! esquecer! A vida é occupada por isto. Encontramo-nos, separamo-nos, não nos tornamos a vêr. Lembrar-se! não ha tempo para isso! A morte apressa-nos na vida. Encontra-se uma alma. Uma alma? Não ha uma em cada corpo? O desconhecido fascina-nos, anda-se, corre-se, respigando pelo caminho e repetindo sempre: Não, não é isto...

Helena, entretanto, não se esquecia e occultava a sua dôr sob o rosto sereno, como o lago que no seio esconde a morte é tranquillo á superficie.

Quando cahia a noite abria o livro em que guardára aquella lembrança d'elle, e lia as linhas que essa lembrança casualmente marcára. O vento soprava com força, levando para o horisonte as grandes nuvens brancas que semelhavam sombras fugindo por sobre a terra. As aves nocturnas cortavam o ar com os seus gritos. A tempestade sacudia violentamente as portas do castello e poder-se-hia dizer que se ouviam vozes communicando-se nas trevas. Olhando em redor de si, Helena apavorava-se como que se tivesse receio que lhe roubassem a petala querida. Mas quem, e por onde? Estava só; o marido havia-a deixado por amores indignos e criminosos.

Um dia, entretanto, encontrou-se livre e vestida de negro, ficára por muito tempo assentada á sombra das arvores. As horas corriam; ella immovel, com os olhos fitos no ceu, implorava, pedia o seu Henrique. E pela sua obstinação em procural-o no ceu, não tardou que o espirito se lhe cobrisse de pensamentos sinistros...

Outr'ora, com a sua fé sincera, dizia a Deus: «Guardae... guardae o meu amor!...»

O que tinha feito d'elle?

Estava morto, sem duvida, como morrem todas as coisas... Pois bem, ella morria igualmente! E então para que chorar? Adormeceria em breve, apertando em suas mãos o livro e a folha de rosa.

(Conclue no proximo numero).

A imaginação representa na compleição humana o papel de Mercurio: é ella que preside a tudo; é por ella que o homem é tão bom e tão mau.

HEINSE.

## AS MULHERES QUE VOTAM

(FRAGMENTOS)

(Continuação)

Quando a mulher pede para não ser escrava do homem e crê poder ser independente d'elle, labora n'um erro. Em primeiro lugar, a mulher não é escrava senão quando voluntariamente o quer ser, quando se casa sem que legalmente ninguem a força. Depois não pôde ter uma vida inteiramente á parte e independente do homem, porque este prehenhe certas funções

materiaes que ella não póde prehencher, e sem as quaes a sua vida tão independente como a deseja, não teria nenhuma segurança nem razão de ser.

O homem é soldado e a mulher não póde sel-o, assim esta tem sempre de depender d'aquelle para a defeza do seu lar, ainda mesmo que permaneça no celibato.

Quanto á sua escravidão, é como já dissemos voluntaria, porque a mulher é legalmente livre, mesmo mais livre ainda do que o homem; a partir dos vinte e um annos, nenhum poder lhe tolhe essa liberdade tão extensa e tão legal como a nossa. Aos vinte e um annos a mulher póde casar-se sem o consentimento da familia, ao passo que sem esse consentimento o homem só póde contrair o matrimonio aos vinte e cinco, logo no estado social o homem é n'este ponto inferior á mulher, porque permanece mais quatro annos escravo da lei.

Não é tudo ainda. Por uma d'essas leis oppressoras que a mulher diz só terem sido feitas para ella, o homem está sujeito ao serviço militar, do qual se deserta ou se se revolta é enviado ás galés ou á morte.

D'esta escravidão que pesa sobre elle, e de que a mulher é exémpa não se falla, sendo todavia tão apreciavel.

Como quer pois a mulher ser juiz ou jurado e ter direito a dirigir o Estado, se não tem o dever de o defender? Que seja soldado, primeiro, para poder ser juiz ou consul depois.

Mas sejamos justos. As leis dos homens tem se feito até certo ponto em harmonia com as indicações da natureza. A mulher é organicamente mais precoce e muscularmente mais fraca do que o homem, a lei tem pois tido em conta a sua precocidade, quanto ao casamento, e a sua fraqueza no que toca ás suas funcções.

Parecendo-lhe mais fraca a mulher, a lei pô-la no casamento, não sob o poder, mas sob a protecção do homem. A gravidez, a leitação, os cuidados assíduos da criação durante a sua infancia, tudo isto junto á fraqueza natural da mulher exigia a tutela do marido. Esta tutela torna-se ás vezes em tyrannia, porque a lei compensa tambem um pouco o homem dos grandes privilegios que na união conjugal a natureza concede á mulher, e que são um perigo constante para o marido.

Assim por exemplo, com um tanto de habilidade, a mulher póde introduzir na familia, dar o nome e os bens de seu esposo ao filho d'um outro homem, ao passo que elle não póde nunca impôr a sua mulher o filho de outra mulher.

(Continua).

## SAUDADE INFINDA

Sobre o tumulto de amante

Julietta espalha flores...

— São do ramo que ha um instante  
lhe deu um dos successores.

(Faz do Dono).

Diogo Souto.

O que é a realeza? Um titulo revestido de um brilho que engana! um pentecado que se ageita mal á cabeça!

LOUISE D'ALQ.

## CHRONICA DOS THEATROS

### ERNESTO ROSSI

A absoluta falta de espaço impediu-nos no ultimo numero d'este semanario, de nos occuparmos mais circumstanciadamente do grande artista Ernesto Rossi, — considerado um dos primeiros, senão o primeiro, tragico da actualidade — que se apresentou, ao nosso publico, no theatro do Gymnasio, depois de quinze annos de ausencia.

Estes quinze annos foram passados pelo celebre artista em continuas ovações, que certamente não lhe deixaram vêr alguns cabellos brancos e o abdomen mais elevado, unica differença com que agora nos appareceu, porque o seu grande merecimento em lugar de decahir com a idade, tem, pelo contrario, enraizado e creado novos elementos.

E para prova do quanto dizemos basta vel-o no *Kean*, o artista entusiasta que morreria ao deixar o theatro, aconselhando, entretanto, todos a não penetrem n'aquelle inferno de invejas e ambições; o actor que visita as tabernas disfarçado em marinheiro e toma a defeza de qualquer dama que um *lord* tenta insultar; o interprete do *Hamlet*, no 4.º acto do mesmo drama, que do palco insulta o seu melhor amigo, o principe de Galles: depois vê-lo no *Othello*, o touro possuido d'um bestial ciúme, com o olhar coriscante e desesperado, assassinando a innocente Desdemona, sem attender ao pedido que ella lhe faz de algumas horas para mostrar a sua pureza: em seguida vel-o no protagonista da *Morte Civil*, o forçado que se evade das galés para abraçar os entes que lhe são caros — a esposa e a filha —, as differentes torturas porque passa não só pela duvida de ter sido atraído pela esposa, como pela terrivel enfermidade — aneurisma — que lhe corroe a existencia; e vê-lo ainda no *Luiz XI*, o despota monarcha francez, que pensando e dando o plano para um assassinato, pára ao ouvir dar as Ave-Marias para rezar devotamente, voltando depois á conversa interrompida; o rei que quasi a morrer, ainda pede dez ou vinte annos de vida ao monge que o escuta e que tem fama de santo, fazendo-lhe mil promettimentos, e finalmente dando o ultimo suspiro sem querer perdoar a vida a um homem que mandára matar: todos estes personagens são feitos por Ernesto Rossi de maneira tal que não se póde notar a minima semelhança quer na caracterisação, olhar, andar, gestos, poses, etc. E o publico que tem assistido á representação d'estas quatro peças, fez-lhe a justiça de o applaudir sinceramente.

A companhia que acompanha tão distincto actor, tem alguns artistas de merecimento, como as sr.<sup>as</sup> Belli-Blanes e Brignone que desempenharam bem os papéis de Desdemona e Emilia do *Othello* e os srs. Brizzi no Iago, Saltarelli no duque de Nemours do *Luiz XI*, Cassini no padre da *Morte civil*, etc., etc.

Emfim Ernesto Rossi tem continuado a colher bastantes louros para juntar á sua brilhante corôa de consciencioso artista dramatico.

**Principe Real.** — Promettemos na semana finda fallar d'este theatro e hoje cumpriamos a promessa, vendo-nos obrigados a censurar asperamente a má es-

colha que a empresa dá ás peças que se tem representado n'aquella casa de espectaculos.

Não queremos, por isto, dizer que as peças sejam más, mas sim que os artistas não são competentes para as desempenharem. Entretanto o odioso cae sob estes homens, victimas innocentes da empresa que parece desconhecer, (e mesmo talvez desconheça) que as peças devem ser escolhidas para os actores, conforme a sua força, e não obrigar-os a fazer papeis em que vão luctar em confronto com os nossos primeiros artistas.

Isto succedeu nos dramas *Filha e mãe* e *Magdalena* que ultimamente se tem representado no theatro da rua Nova da Palma.

Ao terminarmos esta pequena noticia, (visto que o espaço não nos permite alongar mais, por hoje) pedimos aos auctores ou traductores dramaticos que confiem as suas peças a empresas consciâs das suas obrigações e que tenham artistas competentes para as desempenharem, porque aliás perde-se todo o trabalho, e o publico muitas vezes fica fazendo má opinião dos escriptores, quando todo o mal vem das fracas forças das companhias e de quem as dirige.

**Colyseo.** — No sabbado ultimo debutou n'este circo a celebre funambula Katarinodar que foi alvo dos maiores applausos no Eden Theatre de Paris.

Effectivamente os seus trabalhos de trapezio são verdadeiramente admiraveis e feitos com grande pericia, como a passagem das argollas com os pés e as repetidas voltas batendo compassadamente no pandeiro.

A artista, que é muito sympathica e agradavel, apresentou-se muito bem, fazendo, além do que já dissemos, exercicios bastante difficultosos, que só temos visto por homens e que ella desempenha com a maior simplicidade, sem a minima *ficelle*.

O trabalho *Tandem* apresentado pelo sr. D. Enrique Diaz, continua merecendo justificadamente os applausos do publico, porque é o melhor que se tem visto em equilibrio, feito por dois cavallos n'uma prancha.

Em todas as noites é aquelle cavalheiro chamado repetidas vezes, sendo assim victoriado justamente, porque, com certeza, dependeu de muito trabalho, tão difficil apresentação de cavallos em liberdade.

Realisa-se brevemente no *Colyseo* um novo trabalho de equilibrio em trapezio feito pelo applaudido artista Richard Conrad.

A companhia do theatro do Gymnasio partiu para Evora, onde vaé dar algumas representações, emquanto estiver em Lisboa a companhia do actor Ernesto Rossi.

Está em ensaios no theatro do Principe Real a peça maritima, traducção do sr. Costa Braga, *Um drama no alto mar*.

Deve brevemente representar-se no theatro do Gymnasio a comedia em 3 actos, imitação do sr. Baptista Machado, *O tio padre*, em que o actor Cezar de Lima desempenha o papel do protagonista, que, ha annos, havia creado.

A comedia agradará, por certo, porque o desempenho deve ser regular, como ainda, ha mezes, succedeu no theatro de D. Maria.

Py-Thon.

Feliz a creança cuja alimentação primeira lhe foi dada pelo seio da mãe ou pelo de uma boa ama! A saude e o vigor acompanha-a-hão durante o resto da sua vida.

HUFELAND.

## ALBUM ENIGMATICO

### CHARADA NOVISSIMA

Premio: — «Decouverte de la terre», do J. Verne

PARA OS ASSIGNANTES DE LISBOA

E' generosa e não é boa, quando isolada pronuncia este nome — 1-1-1.

VALERIO E. B. FRAGOSO.

### CARTA ENIGMATICA

Premio: — «CONTES CHOISIS», de Nodier

PARA OS ASSIGNANTES DA PROVINCIA

Querida — 3-4-3-4.

A tua carta deixou-me muito — 9-8-4-5-9-2.

Estou anciosa por te — 1-10-3-10-8, pois bem sabes que é bastante — 5-7-8-4-10 esta questão com a tal senhora — 8-4-9-9-10.

Recomenda-me á tua — 6-2-7-4-5-10-8-4-10 e cre-me sempre

Tua amiga

1-2-3-4-5-6-7-8-9-10.

ETERNO ASSIGNANTE.

Explicação das charadas do numero anterior: — *Belisario*. — *Aipo*.

Coube o premio aos primeiros decifradores a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Carolina O. de Castro e ao sr. José Guerreiro Feyo.

Vieram em segundo lugar decifrações das ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Emilia V. Pinho, D. Barbara d'Oliveira, D. Jesuina Machado e dos srs. Dr. Monteiro, José F. da Fouseca, Guimarães F. e Bernardino Machado.